

FRANK ANKERSMIT, MICHEL DE CERTEAU E KEITH JENKINS: HISTÓRIA COMO NARRATIVA

Data de submissão: 06/06/2024

Data de aceite: 01/08/2024

Eduardo Prates Bordinhão

Discente do curso de Mestrado Acadêmico em História do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria, com bolsa CAPES/DS Santa Maria – RS
<http://lattes.cnpq.br/5233537218695533>

RESUMO: O presente trabalho busca analisar como a história (no sentido de conhecimento produzido por historiadores profissionais) é composta por narrativas. Ou seja, é uma representação verdadeira do passado baseada em fontes fragmentadas, sendo ela uma representação feita por meio de técnicas narrativas, moldada pelo contexto e subjetividade daquele que escreve. Para apresentar esse caráter da história, exploramos as ideias de Frank Ankersmit – filósofo e historiador conhecido por suas contribuições ao que diz respeito a noção de representação –, Michel de Certeau – filósofo e historiador francês, que se dedicou, também, a dissertar sobre o ofício do historiador, incluso nisso o caráter narrativo da história – e Keith Jenkins – historiógrafo britânico que escreve sobre o caráter da história, contido nisso o seu caráter narrativo.

PALAVRAS-CHAVE: Representação; Narrativa; Frank Ankersmit; Michel de Certeau; Keith Jenkins.

FRANK ANKERSMIT, MICHEL DE CERTEAU AND KEITH JENKINS: HISTORY AS NARRATIVE

ABSTRACT: The present work seeks to analyze how history (in the sense of knowledge produced by professional historians) is composed of narratives. That is, it is a true representation of the past based on fragmented sources, being a representation made through narrative techniques, shaped by the context and subjectivity of the one who writes. To present this characteristic of history, we explore the ideas of Frank Ankersmit – philosopher and historian known for his contributions to the notion of representation – and Michel de Certeau – French philosopher and historian, who also dedicated himself to addressing the historian’s craft, including the narrative characteristic of history – and Keith Jenkins – british historiographer who writes about the characteristics of history, including its narrative character.

KEYWORDS: Representation; Narrative; Frank Ankersmit; Michel de Certeau; Keith Jenkins.

INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda o caráter de narrativa e de representação da realidade presentes nos textos de história, por meio dos apontamentos de Frank Rudolf Ankersmit, de Michel de Certeau e de Keith Jenkins, explorando o pensamento dos autores em relação ao caráter narrativo e discursivo da história, ao passo em que os comparamos. Sendo assim, buscamos evidenciar como a linguagem, a narrativa e o discurso moldam a maneira como a história é construída, interpretada e comunicada. O trabalho foi organizado da seguinte maneira: primeiro abordamos as ideias de cada um dos autores separadamente para, por fim, fazermos um balanço de algumas aproximações entre as propostas desses autores.

ANKERSMIT, CERTEAU E JENKINS

Ankersmit parte das contribuições de Hayden White para abordar o papel da linguagem na escrita da história, apontando que White postula que nossa compreensão do passado se dá não somente pelo que foi o passado, mas também pela linguagem utilizada pelo historiador para referir-se ao passado (ANKERSMIT, 2011, p. 50).

A linguagem é importante, pois aquilo considerado verdadeiro pode ser considerado um enunciado acerca da realidade e como um enunciado sobre o significado da linguagem. Ou seja, a linguagem pode ser criadora da verdade, do mesmo modo que a realidade (ANKERSMIT, 2011, p. 53).

Conceitos podem variar conforme a formulação de cada historiador, ou seja, é uma proposta. Em seu texto, Ankersmit usa os exemplos dos conceitos de “renascimento”, de “iluminismo” e de “revolução”. Cada um desses conceitos varia conforme quem os propõe, pois dentro desses conceitos podem estar contidos diferentes enunciados sobre o passado e todos eles são verdadeiros, a questão crucial aqui é: que conjunto de verdades foram escolhidas para a formulações dos conceitos. É nesse ponto que é possível perceber que o giro linguístico não se trata de um ataque a verdade, tampouco se trata de uma permissão para o relativismo. O importante a ser levado em conta é: quais verdades são mais úteis para apreender a natureza do período em questão. O exemplo usado por Ankersmit para demonstrar isso é o conceito de “renascimento”, inferindo que as definições de “renascimento” podem ser derivadas logicamente de como cada historiador propõe a definição, ou seja, são proposições verdadeiras. Isso – o caráter de verdade do que está contido nas definições –, no entanto, não está em pauta. São propostas amparadas na verdade, o que se pode argumentar em favor ou contra essas propostas é a utilidade dos parâmetros escolhidos para a elaboração dos conceitos.

“Renascimento” é uma representação do passado, e difere conforme a formulação de cada historiador. Essa representação é acerca da realidade (Ankersmit propõe o uso da expressão “ser acerca de” a realidade em vez de “referir” a realidade, isso porque a referência a realidade é feita de forma objetiva, ao passo que “ser acerca de” é instável e difícil de ser estabelecido objetivamente), e é por isso que difere da descrição e da referência.

Ao abordar como vários conceitos podem ser articulados de maneiras diferentes, como é o exemplo do conceito de “revolução”, que pode ter definições baseadas em diferentes critérios conforme a percepção de cada historiador, Ankersmit demonstra que a discussão deve ultrapassar a preocupação com a verdade, pois mesmo definições diferentes e conflitantes entre si podem ser amparadas pela verdade. O que deve ser levado em conta é que cada construção do historiador é baseada em interpretações e feitas por meio da seleção. (ANKERSMIT, 2011, p.56-57).

Ankersmit dá o exemplo de pintores que retratam uma pessoa, ainda que a pessoa retratada seja a mesma, cada pintor fará uma representação daquela pessoa de modos diferentes. Essas representações não são avaliadas unicamente por sua fidelidade fotográfica, ao passo que um bom retrato deve mostrar a personalidade de quem é retratado. Quando tratamos de pinturas ou da escrita da história, passamos por estratos que chagam aos níveis mais profundos da realidade que nos dão acesso a personalidade do representado. Portanto, o texto histórico deve apresentar a personalidade daquilo que representa (um período histórico ou um aspecto dele). Ankersmit afirma que os contornos da realidade só podem ser definidos por meio de representações, que são criadas a partir de crenças verdadeiras sobre o passado. Nesse sentido, o giro linguístico demonstra que os conceitos (que são formulados por meio da linguagem) podem servir de guia para que seja evitado o uso de verdades irrelevantes, colocando em evidência as verdades úteis que auxiliam na compreensão do tema estudado.

Passemos agora às propostas de Michel de Certeau (2015). O autor disserta sobre aquilo que produz o historiador por meio da prática de pesquisa: uma narrativa em formato de texto. Da mesma forma que um arquiteto transforma um lago em barragem, o historiador transforma sua pesquisa em uma narrativa. Esse processo é a “operação historiográfica”, sobre a qual Certeau se dedica a abordar. Ela está dividida em três fases: 1) lugar social, 2) prática, e 3) escrita. É na terceira parte, na parte da escrita, que aparece o discurso, essa narração é composta pelo conteúdo e sua expansão. O conteúdo é verdadeiro, ao passo que a expansão produz efeitos de sentido e de ordem de sucessão (cronologia).

Quanto a Jenkins (2001), o autor vê a história como construção interpretativa, ele sugere que a história é uma disciplina baseada em interpretações e narrativas e que os historiadores devem ser conscientes de suas próprias perspectivas e influências ao escrever sobre o passado. Jenkins também discute a natureza seletiva da história, destacando que os historiadores selecionam, organizam e interpretam eventos e evidências de acordo com seus próprios interesses e objetivos. Ele enfatiza que a história é uma construção seletiva e que diferentes narrativas podem coexistir.

Assim como em Ankersmit e Certeau, Jenkins também aponta que o historiador tem as fontes que o limitam, contudo isso não quer dizer que esse será um conhecimento objetivo, ele estará influenciado pelas experiências do historiador, será condicionado pelas suas visões e pelo seu presente. Para Jenkins, as fontes limitam a liberdade total do

historiador, porém as interpretações acerca do passado continuam infinitas. As fontes não impõem que interpretações vamos seguir, isso cabe ao historiador, que fará sua narrativa e esta poderá diferir da narrativa de outros historiadores, ainda que amparados nas mesmas fontes. Para Jenkins a história é um discurso cambiante e problemático, em suma:

a história é um discurso em constante transformação construído pelos historiadores e que da existência do passado não se deduz uma interpretação única: mude o olhar, desloque a perspectiva, e surgirão novas interpretações. (JENKINS, 2001, p.35).

Percebemos que os três autores estão preocupados com o que produz o historiador. Para os três a resposta é a mesma: uma narrativa por meio de um texto (linguagem). Ankersmit, nesse ponto, fala de representação, ao passo que Certeau e Jenkins, nesse ponto, falam de discurso. Nos três casos, eles estão falando de narrativa.

O caráter de verdade contido no texto histórico é importante de ser salientado. Nesse sentido, Ankersmit e Certeau se aproximam, quicá se complementam: Certeau demonstra que o conteúdo de um texto histórico está imerso em uma narrativa, não apenas isso, a narrativa é o que o permite existir e é baseado em verdades que podem ser verificadas nas fontes, essa narrativa presente nos textos é influenciada pelo lugar social que o historiador ocupa, isso inclui: a instituição a que está vinculado e a sociedade a qual ele está envolvido. Ao refletirmos sobre isso, percebemos que Ankersmit aborda algo parecido ao demonstrar que a narrativa é feita de escolhas. Como vimos, um texto dito verdadeiro, baseado em evidências (fontes) que são verdadeiras, não necessariamente será o mais útil apenas por seu caráter de ser verdadeiro. Além de ser verdadeiro, é necessário que seja considerado relevante. Nesse sentido, a discussão proposta por Ankersmit vai além do caráter de verdade da narrativa.

Portanto, nos três autores percebemos que a história só existe por meio de um narrador, este está repleto de suas variáveis. Para Jenkins, a história é uma série de discursos a respeito do mundo. Desse modo, é importante salientar que o autor faz uma distinção entre passado e história. Nesse caso, história é um discurso sobre o passado, mas é diferente dele: o passado é tudo aquilo que já aconteceu, ao passo que história pode ser entendida no sentido de historiografia, nesse caso ela será um constructo linguístico intertextual. O historiador elabora discursos e quando acessamos esses discursos, estamos acessando a história (no sentido de historiografia), mas não o passado:

o mundo ou o passado sempre nos chegam como narrativas e que não podemos sair dessas narrativas para verificar se correspondem ao mundo ou ao passado reais, pois elas constituem a "realidade". (JENKINS, 2001, p. 28).

CONCLUSÃO

A análise das perspectivas de Frank Ankersmit, Michel de Certeau e Keith Jenkins sobre a história como narrativa revela a importância da linguagem, da interpretação e da seleção na construção do conhecimento histórico. Através de suas obras, compreendemos que a história não é uma mera reprodução objetiva do passado, mas sim uma representação complexa e subjetiva, influenciada pelas visões e experiências dos historiadores. A narrativa histórica, portanto, é uma construção interpretativa que reflete não apenas os eventos do passado, mas também as escolhas e perspectivas dos que a escrevem. Ao considerar essas diferentes abordagens, somos instigados a refletir sobre a natureza da história como uma disciplina em constante transformação, cujo significado e relevância são moldados pelas narrativas que a constituem.

REFERÊNCIAS

ANKERSMIT, Frank. El giro lingüístico: teoría literaria y teoría histórica. In: _____. **Giro Lingüístico, teoría literaria y teoría histórica**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2011. p. 49-105.

CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica. In: _____. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015. p. 56-108.

JENKINS, Keith. O que é história? In: _____. **A história repensada**. São Paulo: Contexto, 2001. p. 17-52.